



Família. Minerva

A Universidade mudou o destino de quatro moradores de uma casa simples no Complexo da Maré, a apenas três quilômetros do campus do Fundão. “Eu sonhava em estudar na UFRJ, mas todos diziam que não era pra nós”, lembra Jandir, o primeiro dos Moreira a erguer a ponte entre a favela e o ensino superior. Formado na Escola de Belas Artes, seu sonho inspirou a primogênita Maria Clara. Aluna brilhante da Engenharia Química, a menina se formou em setembro com CR 9 e já está prestes a defender a dissertação de mestrado. “Meus pais estudavam no Fundão, é a instituição mais conceituada do Rio, além de ser bem perto de casa”, diz. A professora Fabiana Fonseca, diretora da Escola de Química, é só elogios. “É uma aluna dedicada, comprometida, realmente diferenciada”, afirma Fabiana. “Quando vejo casos como o da Maria Clara, sinto que a universidade está no caminho certo. É um grande orgulho poder testemunhar essa trajetória”. **Páginas 4 e 5**

Venha para a **AdUFRJ**

NOVOS SINDICALIZADOS TERÃO:

- **ASSESSORIA JURÍDICA**
- **WELLHUB GYMPASS**
- **DIVERSOS TIPOS DE DESCONTOS, INCLUSIVE NA DROGA RAIA E NO LABORATÓRIO RICHTER PARA MEDICAMENTOS E VACINAS**
- **GRATUIDADE NOS PRIMEIROS DOIS ANOS PARA PROFESSORES ADJUNTOS E ASSISTENTES**



FALE CONOSCO: ☎ (21) 99644-5471 📞 (21) 99358-2477

COMPLEXO HOSPITALAR PROMOVE CAMPANHA DE DOAÇÃO DE SANGUE

O Complexo Hospitalar da UFRJ promove até 19/10 a campanha "Sangue bom, Coração gigante" para estimular a doação de sangue. A chefe do Serviço de Hemoterapia do CH-UFRJ/Ebserh, Carmen Nogueira, relata que o estoque está em baixa: "Precisamos, no mínimo, de 30 doadores por dia e, hoje, temos uma média de apenas dez". Para doar, basta comparecer no Hemonúcleo, de segunda a sexta, das 7h30 às 13h30, na Ilha do Fundão.

UFRJ MARCA PRESENÇA NA FLIP, QUE ESTE ANO HOMENAGEIA JOÃO DO RIO

A UFRJ, mais uma vez, terá ampla atuação na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). A 22ª edição do evento será realizada de 9 a 13/10. Nesta edição, o autor homenageado será João do Rio, pseudônimo mais famoso de Paulo Barreto, cronista e jornalista, um dos autores mais importantes do Rio de Janeiro no início do século XX.

A participação da UFRJ será nos dias 9 e 13 de outubro, na Casa da Favela. No dia 9, em conjunto com a

Agência de Notícias da Favela (ANF), a UFRJ promoverá a mesa "Novos Cronistas do Rio: Influenciadores, Mídias Comunitárias e Digitais", às 17h30. Já no domingo, dia 13, às 10h, a UFRJ promoverá a mesa "UFRJ na Flip: Ações e Letras". Além das duas mesas, a UFRJ vai expor e vender livros da Editora UFRJ. O estande estará aberto durante todo o festival, das 10h às 18h. A Casa da Favela fica na Rua da Matriz, nº 23, no centro histórico de Paraty.

ENCONTRO REGIONAL DO ANDES VAI DISCUTIR CARREIRA E ORÇAMENTO

Por meio da Secretaria Regional do Rio de Janeiro, o Andes realizará, nos próximos dias 31/10 e 1º/11, o Encontro Pós-15º Conad Extraordinário, cujo tema é "Ofensiva neoliberal à carreira docente, ao orçamento público e os horizontes de luta". A diretoria da Regional RJ destaca que "carreira, orçamento público e financiamento das universidades" serão temas do evento, no Centro de Convenções da UENF, em Campos dos Goytacazes.

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrj.org.br.

RIO DE JANEIRO

- IBEU**
- CLUB PET**
- MAPLE BEAR TIJUCA**
- MIT CUIDADORES**
- ACADEMIA TIJUCA FIT**
- MADONA CLINIC**
- Psicare PSICARE**
- FISIOTERAPIA RJ LTDA**
- CRECHE AMANHECENDO**
- CRECHE ESCOLA RECRIAR**
- CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS**
- ROÇA URBANA ORGÂNICOS**
- JC LUZ CORRETORA**
- FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL**
- BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS**
- MACAÉ**
- ESCOLA ALFA**
- CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL**
- HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR**
- MAIS FITNESS ACADEMIA**
- CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA**
- RIO DE JANEIRO E MACAÉ**
- INSPIRE ENERGIA SOLAR**
- KALUNGA PAPELARIA**
- DROGARIA RAIA**
- WELLHUB**

90 ANOS DE AMOR À CIÊNCIA

> Mestre de várias gerações, o professor emérito Gilberto Domont, do Instituto de Química, segue dando aula, orientando alunos e fazendo pesquisa de alto nível: "É um prazer enorme estar aqui"

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

O professor emérito Gilberto Domont é uma inspiração que atravessa a história da UFRJ. Ingressou no curso de Química da então Universidade do Brasil, em 1954, ainda como aluno. Sete décadas depois e prestes a completar 90 anos, em 11 de novembro, o docente segue dando aulas no Programa de Pós-graduação em Bioquímica do Instituto de Química, realizando pesquisas e orientando alunos de mestrado, doutorado e pós-doutorado.

"Sou apaixonado pela profissão, pela Ciência. Não paro por causa disso. É um prazer enorme estar aqui", afirma o mestre de tantas gerações.

Uma paixão que começou cedo, em casa, por influência da mãe Maria de Lourdes, professora primária da escola municipal Estácio de Sá, na Urca. E que depois ganhou força na Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) — hoje sede do IFCS/Instituto de História — da então Universidade do Brasil, na década de 50.

"Era um ambiente intelectual fortíssimo. Davam aulas lá César Lattes, Leite Lopes, Costa Ribeiro, Christovão Cardoso — que foi o primeiro diretor do Instituto de Química —, Manuel Bandeira, Maria Yedda Linhares e Anísio Teixeira, entre outros", diz Gilberto, que fez curso técnico de Química Industrial antes de ingressar na universidade.

"Entre na pesquisa pelas mãos dos professores João Perone e Abraão Iachan. Foram meus dois orientadores, os mentores que concederam minha primeira bolsa, de iniciação científica".

O currículo, iniciado com aquela bolsa e atualizado em 22 de setembro, impressiona. Gilberto é um dos fundadores do Departamento de Bioquímica do Instituto de Química em 1959 e, três anos depois, do Programa de Pós-graduação em Bioquímica — o mais antigo do país na área de Ciências Biológicas. Integrante da Academia Brasileira de Ciências desde 1975, emérito em 1998, tornou-se o pesquisador responsável pela introdução da proteômica (estudo das proteínas) no Brasil. Criou a Sociedade Brasileira de Proteômica em 2012.

GENEROSIDADE

A história, com tantos títulos, poderia supor um professor sério, distante dos alunos, alguém se sentindo acima dos colegas. É o contrário, dizem os mais

próximos. "O que me chamou muito a atenção no Gilberto é a simplicidade no trato com as pessoas. Ele é um cara afetuoso com todo mundo", observa o professor Rogério Espíndola, da Coppe.

Os dois trocam ideias desde 2018. Um aluno de Gilberto precisava de uma modelagem que envolvia técnicas de inteligência artificial, área de expertise do docente da Coppe. "O comportamento nas discussões é sempre com humildade, querendo aprender. Isso é algo difícil. Normalmente, o que se vê são pessoas com currículo muito grande e já se sentindo acima dos demais. Ele é arrogância zero. Fora o brilhantismo científico dele. Ele é meu modelo", completa Rogério.

Ajudar os jovens é praticamente uma missão para o (quase) nonagenário mestre. Que o diga o professor Fábio Nogueira, do Instituto de Química. "Sou de Fortaleza e, em 2003, o Gilberto organizou um curso nacional de proteômica, com convite para alunos de pós. Eu fazia iniciação científica na Universidade Estadual do Ceará, mas ele abriu esta exceção", lembra.

Fábio e Gilberto hoje trabalham juntos na área proteômica — o estudo das proteínas pode ajudar a identificar a causa de uma doença em nível celular. Ou a prevenir casos graves. "Por exemplo, em uma célula cardíaca, extraímos as proteínas e identificamos com a espectrometria de massa. A célula sadia se expressa de uma forma equilibrada. A patologia aparece quando esse concerto não acontece", explica o jovem colega.

A pesquisa da UFRJ na área tem prestígio internacional. O grupo coordenado por Gilberto é o único do país participando de um consórcio internacional para identificar as proteínas dos 23 cromossomos humanos. Coube aos brasileiros o estudo do cromossomo 15, que é associado ao aparecimento de algumas doenças, como Prader-Willi & Angelman e leucemias.

O estudo, complexo, flui com muito bom humor. "É difícil ver o Gilberto sério. Brinca com todo mundo. Quando ele pede café e as pessoas perguntam se quer açúcar ou adoçante, ele responde: 'Puro mesmo, porque de doce basta a vida'", conta Fábio. "Quando levava a filha na escola, dizia: 'Você vai para sua Disneylândia e o papai vai para a Disneylândia dele'. Aqui é onde ele se diverte".

"O Gilberto tem uma característica muito própria que é a de escutar todo mundo. Trata o aluno de iniciação científica, de mestrado, de doutorado ou o professor da mesma forma. Gosta de aprender coisas novas e fazer planos de longo prazo.



PROTEÔMICA Estudo de proteínas coordenado pelo mestre tem reconhecimento internacional



SOLANGE E A FILHA SÔNIA: "Meus sistemas biológicos prediletos"

Agora, aos 90 anos, está fazendo planos para os próximos dez anos", diz Fábio.

Planos que os dois realizam juntos no primeiro andar do Centro de Pesquisa em Medicina de Precisão (CPMP), na mais recente frente de trabalho aberta pelo mestre. "O CPMP tem uma concepção moderna. Os alunos, de diferentes formações, sentam juntos nestas bancadas. Trouxe a proteômica para cá para avan-

çar na medicina de precisão, a convite dos professores Antonio Carlos Campos de Carvalho e Denise Pires de Carvalho. Fomos um dos primeiros grupos a vir para cá", afirma Gilberto.

CARIOCA TÍPICO

Tantas atividades não deveriam deixar tempo para mais nada, certo? Errado. Gilberto é um carioca típico, que gosta de tomar chope, jogar conversa fora com

os amigos e comer churrasco. "Adora um churrasco, com a carne bem vermelha. E adora tomar chope com a garotada", afirma a esposa Solange Guimarães.

O casal, que está junto desde o início do namoro, em 1982, compartilha o amor pela Ciência e divide a casa com as estantes recheadas de livros. "Ele vive a Ciência em casa o tempo todo. Estamos sempre conversando. Eu me entusiasmo também. A contrapartida da família é apoiar e vibrar com a vibração dele", conta Solange, que já foi pesquisadora do Programa de Engenharia Civil da Coppe.

E a família, para Gilberto, é uma das contrapartidas mais importantes da vida acadêmica: "São meus sistemas biológicos prediletos, a Solange e minha filha Sônia", brinca. "Devo tudo à UFRJ. Saber, família, amigos, patrimônio. Eu me formei aqui, encontrei minha esposa aqui, minha filha estudou aqui", diz, deixando uma mensagem para os professores em início de carreira. "Se apaixonem pela Ciência também!".

#OrgulhoDeSerUFRJ



A PARTIR DA ESQUERDA: Maria Cecília, estudante da História; Maria Clara, egressa da Escola de Química; Jandir, ex-aluno da EBA; e Elizangela, formada em Terapia Ocupacional

QUATRO FILHOS DE MINERVA

> Família da Maré é orgulho para a UFRJ. Com trajetórias marcadas pela excelência acadêmica e por grandes dificuldades pessoais, pai, mãe e duas filhas trilham o caminho dos bancos da universidade

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Era uma vez uma menina que alcançou nota suficiente no Enem para o curso de Medicina, mas escolheu a Engenharia Química. Estamos falando da talentosa Maria Clara Moreira, recém-formada na UFRJ. Sua história não é um conto de fadas qualquer. Nasce e criada na Maré, ela será laureada com o Diploma de Dignidade Acadêmica no grau “Magna Cum Laude”, concedido a alunos com coeficiente de rendimento acumulado igual ou superior a 9.

O feito é ainda maior: desde o 6º período, Maria Clara cursa concomitantemente as disciplinas do mestrado em Engenharia de Processos Químicos e Bioquímicos e pode defender sua dissertação já em março de 2025. Sim, ela fez graduação e pós simultaneamente no programa de integração promovido pela Escola de Química para alunos que se destacam em sua trajetória acadêmica. Ela não só obteve incríveis notas no início da formação superior, como alcançou o maior CR da pós: 3. O que indica que conquistou conceito A em todas as disciplinas.

Tímida, ela explica os motivos de ter escolhido a UFRJ. “Tudo levava à UFRJ. Fiz Enem na UFRJ, meus pais estudavam lá, é a instituição mais conceituada do Rio, além de ser bem perto de casa”, elenca.

Diretora da Escola de Química, fã de carteirinha da estudante e uma de suas orientadoras, a professora Fabiana Fonseca é só elogios. “Ela sempre buscou a excelência. Seu TCC é nota 10. É uma aluna dedicada, comprometida, realmente diferenciada”, afirma. “Quando vejo casos como o da Maria Clara, sinto que a universidade está no caminho certo. É um grande orgulho testemunhar essa trajetória”.

A docente acredita que a universidade, no entanto, precisa buscar outras iniciativas que valorizem o aluno que se destaca, sobretudo quando a trajetória pessoal é marcada por desafios fora da academia. “É um esforço muito grande concluir o curso com esse nível de excelência, superando todas as dificuldades de sua realidade”, diz. “A universidade precisa ter formas também diferenciadas de reconhecimento desses estudantes”.

CRIA DA MARÉ

A história inspiradora ganha contornos ainda mais emocionantes quando recuperamos o cotidiano de sua família. Maria Clara é cria da Maré. Vive com os pais e irmãs numa pequena casa da Nova Maré, uma das regiões mais conflituadas do complexo de favelas. A residência está situada a poucos metros de uma invisível e violenta linha que divide fações em disputa pelo território vizinho à Cidade Universitária. A chamada



PARCERIA Dia a dia na universidade é partilhado entre pais e filhas

“divisa”.

Para se formar, a menina superou inúmeros obstáculos, como a violência, a falta de espaço para estudar, os poucos recursos financeiros para se manter no curso e até mesmo a falta de internet. “Foi um desa-

fio manter a qualidade do estudo, principalmente no período da pandemia”, lembra.

A irmã, Maria Cecília Moreira, concorda. “O sinal de internet foi o que mais atrapalhou minha graduação durante a pandemia. Muitas vezes sumia ao longo do

dia”. Ela também é estudante da UFRJ. Cursa licenciatura em História, sua grande paixão, e se forma no ano que vem. É estudante dedicada e muito elogiada na Iniciação Científica. Cecília havia passado para a Uerj e PUC e tinha nota para todas as federais do Rio, mas aguardou a primeira chamada da lista de espera do SiSU. “Quando passei, nem acreditei”, lembra. O sonho era cursar a mesma universidade da irmã e... dos pais.

FAMÍLIA UFRJ

Pois é, esta história, que mais parece um conto de fadas, começa com o pai das meninas, Jandir Leite Moreira. Artista autodidata, ele tinha um desejo distante de estudar na Escola de Belas Artes. O dia a dia com inúmeras limitações, inclusive financeiras, o fez adiar o sonho por décadas. “Eu olhava para essa universidade atrás da minha casa e acreditava que não era para mim. Era o que todos me diziam. Eu precisava ser honesto e trabalhar, sustentar uma família, uma casa, como faria uma universidade?”, perguntava-se. “A sociedade olha para um favelado como eu, gestado, nascido e criado no chão da favela, e decreta um destino”.

Jandir rompeu com o destino. Filho de mãe analfabeta e pai pouco escolarizado, o menino que passou a infância numa casa de dois cômodos que abrigava oito pessoas, não negou

#OrgulhoDeSerUFRJ

suas raízes, mas foi além delas. Matriculou-se em um curso pré-vestibular comunitário da Nova Holanda – outra favela do conjunto –, prestou o Enem em 2015 e passou para a EBA, no curso de Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas.

Como a filha mais velha, também foi laureado por finalizar a graduação com CR 9. “Ainda não sei como, mas dei conta de concluir um curso integral com excelência acadêmica, trabalhar, criar minhas artes, fazer exposições, cuidar da família. Foi quase um milagre”, orgulha-se. Ele terminou a graduação em 2019, mas ainda durante o curso ganhou dois editais da UFRJ e recebeu prêmios por exposições realizadas: uma no Parque Tecnológico e outra no prédio do Colégio Brasileiro de Altos Estudos, atual sede do Fórum de Ciência e Cultura.

O talento de Jandir está estampado nas paredes da casa, nos objetos de decoração e até num violino (de verdade) construído com garrafa pet e cabo de vassoura. Foi seu trabalho final da disciplina de teoria musical. Hoje, ele é professor substituto do Colégio Pedro II no ensino de artes e trabalha também como musicoterapeuta voltado ao tratamento de crianças do espectro autista. Está em sua segunda especialização. “Depois da UFRJ, nunca mais parei de estudar”, comemora.

A educação transforma e inspira. A esposa de Jandir, Elizangela Moreira, também atravessou os três quilômetros que



REALIDADE família enfrenta desafios de segurança e infraestrutura

separam sua casa do campus da UFRJ. Ao ver que o marido passou para a faculdade, Elizangela resolveu fazer o Enem. Estudou sozinha e foi aprovada no curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da UFRJ.

“Nem nos meus melhores sonhos imaginei que teria uma

graduação”, conta emocionada, lembrando do dia em que viu seu nome entre os aprovados.

A reação foi o choro incontável. “Eu lembrei de toda a minha trajetória. Olhava da Maré para o prédio da UFRJ e era tão distante”, conta, sem ostentar a enorme ponte que construiu

A UNIVERSIDADE PÚBLICA MUDA VIDAS



DE BECA Jandir foi o primeiro a se formar (à esquerda), em 2019. Em 2021, foi a vez de Elizangela (à direita). Maria Clara colou grau no último 27 de setembro (ao centro)



Os quatro filhos de Minerva não escondem o orgulho de pertencer à comunidade acadêmica da maior universidade federal do país. E contam como a universidade é capaz de mudar a vida de seus alunos. “A UFRJ foi tudo nas nossas vidas. A gente aprendeu sobre tantas coisas! Mudou completamente a nossa realidade. Hoje conseguimos realizar a primeira reforma na nossa casa em mais de 20 anos”, conta Jandir. “A gente até tem o sonho de viver uma coisa fora (da Maré), mas

só agora nossa vida está começando a se organizar”.

O conjunto de casas onde a família mora foi construído em 1995 para abrigar moradores das palafitas. “Essa região era toda de palafitas. Vimos o desenvolvimento da comunidade até os dias atuais e estamos caminhando para mudar nossa realidade”, analisa Elizangela. “Assim que me formei já estava trabalhando na minha área, não fiquei mais desempregada. Nunca imaginei que essa realidade louca e inalcançável seria a minha história”, diz.

Mesmo antes de acessar a graduação, os pais de três meninas – a caçula Maria Laura cursa o ensino médio – desejavam que suas filhas trilhassem caminhos naturais até a universidade. A única chance seria prepará-las para enfrentar uma disputada prova que concedia dez bolsas a uma rede de escolas particulares. “Elas precisavam estar prontas para essa prova aos 4 anos de idade”, lembra Jandir. Para isso, eles alfabetizaram as três em casa na primeira infância. Todas elas conseguiram a bolsa integral no



FOTOS: FERNANDO SOUZA

ARTISTA DA MARÉ Jandir exhibe o violino feito de materiais reciclados

“Eu olhava para essa universidade atrás da minha casa e acreditava que não era para mim. A sociedade olha para um favelado como eu, gestado, literalmente nascido e criado no chão da favela, e decreta um destino

JANDIR LEITE MOREIRA
Ex-aluno da EBA

entre seu passado e seu futuro.

Ficaram no passado as vezes que tentaram interromper a trajetória virtuosa da família Moreira. “Tive uma professora nos anos 90 que dizia para a minha turma que a universidade pública não era para o pobre, que a gente nunca estaria lá”, lembra Elizangela.

Ela mostrou o contrário de sua insensível professora. Está graduada desde 2021 e desenvolve terapias para crianças do espectro autista. “É incrível poder trabalhar com o que a gente ama”.

Num certo momento, pai, mãe e filha mais velha cursavam a UFRJ ao mesmo tempo. Depois, mãe e filhas. “A gente já se encontrou para almoçar no ban-deirão”, lembra Jandir. “Muitas vezes fomos juntos também”, diz Elizangela. “Em outros momentos, a gente se encontrava no ônibus”, completa Maria Clara.



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

colégio privado da Maré.

Com pais formados ou em vias de se formar, o caminho da universidade foi ainda mais natural para as meninas. “Disputamos o Enem pela ampla concorrência porque fomos bolsistas de um colégio privado, mas desde cedo nos preparamos para esse momento”, conta Maria Cecília. “Quando comecei, meu pai estava concluindo a graduação e minha mãe estava no meio da faculdade”, lembra Maria Clara. “Era incrível”.

O sentimento dos pais é de orgulho e dever cumprido. “Eu só

choro de alegria. Era um sonho que nós tínhamos, mas não imaginava que fosse acontecer tudo de uma forma tão brilhante”, suspira Elizangela. “A gente mora numa região infelizmente marcada por muitas mães que choram de tristeza. Quantos ficaram para trás?”, lamenta. “Então, quero que nossa história de alguma forma inspire outras famílias daqui”. “Nós não temos muitas coisas materiais para dar, então nossa herança para elas é a educação”, conclui Jandir.

Ebserh apresenta resultados de seus 100 dias de gestão

> Presidente da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares destaca novas contratações e abertura de leitos para o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, o IPPMG e a Maternidade Escola

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

Contratação de 424 profissionais, abertura de 44 leitos e R\$ 18 milhões aplicados em equipamentos e infraestrutura. Este são alguns dos principais números da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) nos cem primeiros dias à frente de três unidades de saúde da UFRJ: o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, o IPPMG e a Maternidade Escola.

“Assumimos em maio e, de lá para cá, tem sido mais que uma aventura, tem sido muito recompensador o esforço. É uma situação que tem tudo, absolutamente tudo, para dar certo”, afirmou o presidente da Ebserh, Arthur Chioro, diante de um lotado auditório no oitavo andar do hospital, em 23 de setembro.

O dirigente apontou a chegada de novos funcionários como a mudança mais perceptível no cotidiano das três unidades. “Neste momento, nós já temos 424 novos profissionais trabalhando. Isso faz a diferença. É o que tem permitido abrir novos leitos, novos serviços, substituir companheiros que tinham vínculo extremamente precário”, disse, em referência aos extraquadros — profissionais que não tinham nenhum direito trabalhista.

“Até o final do primeiro ano, em abril do ano que vem, teremos 764 novos profissionais convocados pela Ebserh para trabalhar aqui no Complexo Hospitalar. A ideia é chegar a 1.243, somando-se aos RJU (servidores em regime estatutário)”, completou Chioro.

O aumento inicial do quadro de pessoal já permitiu a abertura de 44 leitos: de 331, em maio, para 375, em setembro. Destes, 14 dedicados a cirurgias e dois para recuperação anestésica. Houve, ainda, a aquisição de um novo equipamento para cirurgia de catarata. “Outra coisa importante é o crescimento da produção cirúrgica. Esta é uma necessidade que vem sendo apontada pela secretaria municipal, pela secretaria estadual, pelo sistema de saúde do Rio de Janeiro. E isso é fundamental para formar nossos profissionais de saúde. Não tem residente médico, não tem residente multiprofissional que se forme sem colocar a mão na massa”, observou o presidente da Ebserh.



“Até o final do primeiro ano, em abril do ano que vem, teremos 764 novos profissionais convocados pela Ebserh para trabalhar aqui no Complexo Hospitalar. A ideia é chegar a 1.243, somando-se aos RJU (servidores em regime estatutário)”

ARTHUR CHIORO
Presidente da EBSERH

A Ebserh quer residentes colocando a mão na massa em condições adequadas. Já foram gastos R\$ 18 milhões em melhorias na infraestrutura, compra de medicamentos e materiais hospitalares, além de equipamentos e mobiliários. O resultado do investimento aparece, por exemplo, no aumento dos exames de imagens. “Tivemos uma ampliação de quase 70% dos exames de tomografia. Isso porque foram equipamentos recentemente adquiridos. Ou seja, teremos impactos muito significativos nos próximos meses”.

A empresa também começou a renovar o parque tecnológico dos hospitais. Serão 760 novos computadores. “Conseguimos entregar 170 e os demais chegarão agora em outubro. Só estes 170 tiveram o custo de R\$ 258 mil”, acrescentou.

No caso específico do Clementino Fraga Filho, o maior hospital da UFRJ, um “gargalo” evidente de infraestrutura são os precários elevadores. São 16 e apenas cinco estão funcionando. Dos 11 inoperantes, quatro serão recuperados a partir de um edital que será lançado em breve. “Em um hospital tão verticalizado como esse, o elevador se constitui num ponto de estrangulamento, de estorvo na vida dos pacientes, familiares e,



“Os mais vulneráveis não tiveram a chance que estão tendo e terão cada vez mais os pacientes do SUS”

ROBERTO MEDRONHO
Reitor da UFRJ

principalmente, dos trabalhadores. Esse é um compromisso: da renovação de toda essa estrutura de elevadores, porque ela é decisiva”, afirmou Chioro.

Para realização de novas melhorias na infraestrutura do Complexo Hospitalar da UFRJ, a Ebserh aposta na contratação de um escritório de projetos. A licitação também está para sair. “Por que ele é tão importante? Porque toda a recuperação predial programada, inclusive com uso de recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), depende da capacidade de nós termos os projetos que

possam orientar os processos licitatórios, para a gente iniciar a contratação de obras”.

O dirigente assegurou também o abastecimento de suprimentos. “Eventualmente, pode até faltar um ou outro produto por problema de produção. Mas por problema de contrato, de logística, isso nunca acontecerá”, disse. “E, se acontecer, nós temos a vantagem de ser uma rede, que permite a transferência de equipamentos, de materiais de consumo, para que nenhum dos nossos hospitais seja obrigado a cancelar cirurgias”.

“Nós temos o sonho de que este hospital possa ser a ponta de lança da rede da Ebserh. A UFRJ tem todas as condições, superadas essas dificuldades materiais, de ocupar um espaço privilegiadíssimo de prestação de serviços, inclusive para outras universidades”, concluiu Chioro.

ESPERANÇA

Com os investimentos e a ampliação dos leitos do Complexo, o reitor Roberto Medronho alimenta a expectativa de um campo de prática adequado para os profissionais da área da Saúde. O docente lembrou seu tempo de internato, em 1982. “Quando fui aluno aqui, eram 400, 430 leitos. Um espetáculo. Um interno tinha seis leitos para passar visita. Aprendíamos muito, na prática, fazendo procedimento”. Uma situação que piorou muito, anos depois. O reitor citou o internato da filha, em 2019. “Minha filha estudou aqui também. Ela passou a ter, no internato, seis alunos para um leito. Inverteu!”, lamentou.

A involução do número de leitos ao longo de tantos anos, segundo o dirigente, pode ter sido fatal para centenas de pessoas. “Para onde iam os pacientes quando chegamos a ter 67 leitos em um determinado momento e depois ficamos oscilando entre 100, 120 e 200?”, questionou. “A minha hipótese é que a maioria morreu. Só que nós não vimos. Os mais vulneráveis. Não tiveram a chance que estão tendo e terão cada vez mais os pacientes do SUS”, disse.

Pacientes do SUS que poderão se beneficiar de novas tecnologias. “Já estou cobrando do pessoal a cirurgia robótica. Não estou prometendo, mas estou cobrando. Aqui entravam as inovações da área da Saúde. Vinham para cá. E há muitos anos não vêm mais”. O reitor comemorou os primeiros cem dias da Ebserh: “Estamos vivendo um momento histórico”.

‘Mudanças bruscas’ e ‘sem diálogo’ são alvo de críticas

Nem todos estavam tão esperançosos com os 100 primeiros dias da Ebserh à frente do Complexo Hospitalar da UFRJ. À entrada do auditório, representantes do Sintufrj distribuíram um informativo crítico à empresa. “Temos contrariedade ao modelo de gestão Ebserh. Somos a favor da gestão autárquica, sedimentada na autonomia universitária, e com trabalhadores em Regime Jurídico Único”, disse à reportagem o coordenador Esteban Crescente.

A oposição não significa, de modo algum, um conflito con-

tra os novos colegas de trabalho contratados pelo regime celetista. “Estamos dando as boas-vindas aos trabalhadores da Ebserh. Somos um sindicato e não podemos nos opor a trabalhadores que estão aqui de maneira honesta, fizeram concurso, se dispõem a fazer um trabalho para a população”.

Por outro lado, o sindicato lamentou o desligamento dos funcionários extraquadros. “Alguns trabalharam na universidade por 20 anos e agora estamos perdendo essas pessoas”. E, além dos que saíram,



“Têm ocorrido mudanças bruscas de maneira informal nas unidades hospitalares, sem diálogo com os trabalhadores”

ESTEBAN CRESCENTE
Coordenador do Sintufrj

há problemas com a gestão da força de trabalho própria da universidade. “Têm ocorrido mudanças bruscas de maneira informal nas unidades hospitalares, sem diálogo com os trabalhadores, sem reunião”.

O Sintufrj ainda questiona como será a próxima eleição dos diretores dos hospitais geridos pela Ebserh — agora chamados de superintendentes executivos. O crivo da comunidade aos gestores das unidades é uma questão cara ao Sintufrj. “Isso, por enquanto, não está dado”.

ENTREVISTA | AMÂNCIO PAULINO DE CARVALHO, SUPERINTENDENTE GERAL DO COMPLEXO HOSPITALAR DA UFRJ

“A PRIORIDADE FOI ABRIR NOVAS ÁREAS”

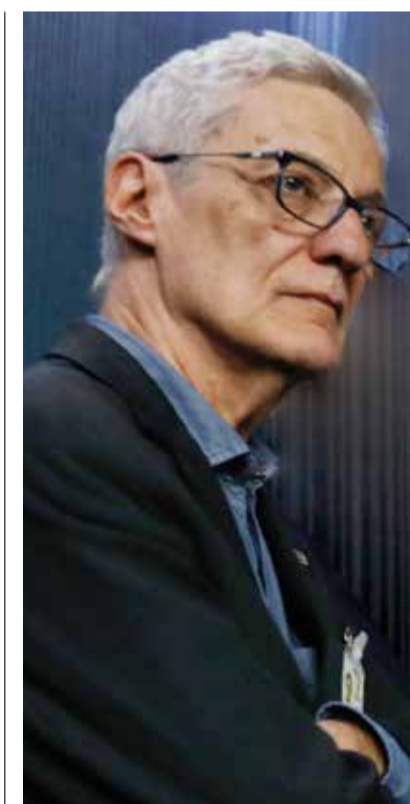
Superintendente Geral do Complexo Hospitalar da UFRJ e ex-diretor do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (1997 a 2005), o professor Amâncio Paulino de Carvalho respondeu a alguns questionamentos sofridos pela empresa nestes primeiros meses de implantação.

Com a Ebserh, a comunidade não vai mais eleger os gestores?

Os cargos eletivos são os de diretores de hospital que passaram a ser superintendentes executivos e tiveram seus mandatos respeitados. Vão cumprir integralmente seus mandatos. A definição de como será a escolha depois, inclusive do superintendente geral, é da universidade. A Ebserh quer saber o indicado. Como o reitor chegou a esse nome não é problema da Ebserh.

Os novos contratados representam um acréscimo à força de trabalho? Há quem diga que só está havendo a substituição dos extraquadros.

Em agosto do ano passado, na época do termo de compromisso, havia 780 extraquadros. Para uma programação de crescimento do hospital, foi estabelecido



Como fica a situação das demais unidades de saúde que não aderiram à empresa?

O Instituto de Psiquiatria, que é um hospital de ensino certificado pelo MEC e pelo Ministério da Saúde, não entrou porque não quis entrar. E a Ebserh, que não tem experiência prévia com hospital psiquiátrico, também achou que não era o momento adequado para fazer isso, sem um estudo. Os demais já não são hospitais há muito tempo. Não são certificados. Mas sempre há uma possibilidade de integração ao Complexo. Isso depende das negociações a serem estabelecidas. Não tenho como antecipar.

Não está havendo nenhum problema na rotina dos hospitais?

Havia um organograma, que deixou de existir, e passou vigorar um organograma da Ebserh, que é diferente. Nesse processo de transição, há uma certa confusão, mas que será dirimida em mais dois ou três meses.

ENTREVISTA
ARTHUR CHIORO
PRESIDENTE DA EBSERH

FOTOS: JOÃO LAET



“PRECISO TER CAPACIDADE DE REPOSIÇÃO”

Ex-ministro da Saúde entre 2014 e 2015 e presidente da Ebserh desde 28 de fevereiro do ano passado, Arthur Chioro falou à reportagem sobre a possibilidade de concursos direcionados para os hospitais da UFRJ e suas expectativas sobre o Complexo da universidade, após a apresentação realizada no Clementino Fraga Filho.

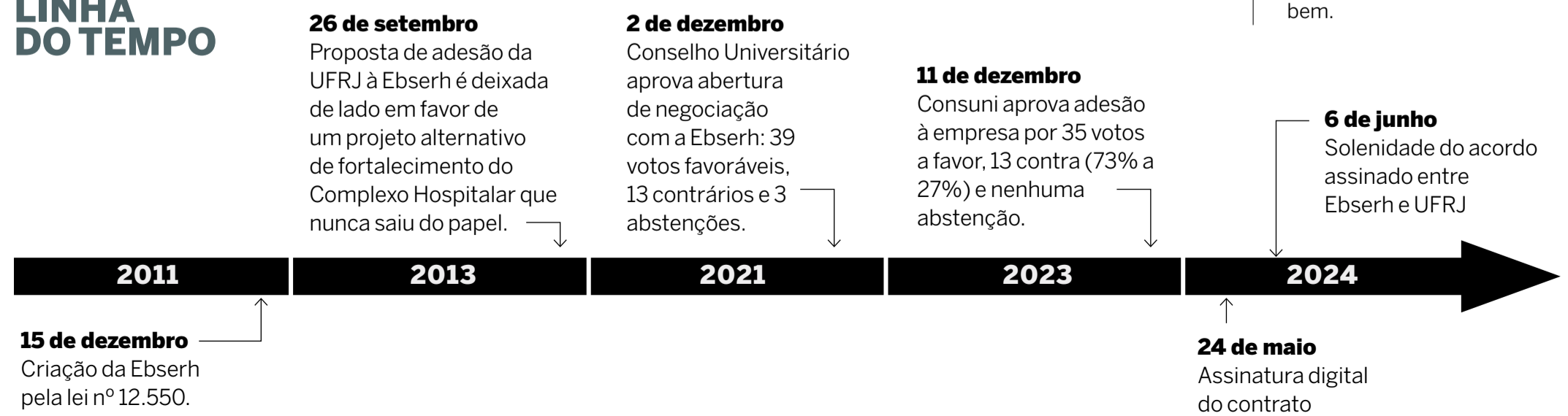
Haverá concurso localizado para o Complexo Hospitalar da UFRJ?

É uma tendência. Se não tiver um nacional, tenho que fazer um local. O que não podemos é ficar sem a capacidade de chamar. Mesmo os trabalhadores que já estão com a gente podem pedir demissão. Preciso ter capacidade de reposição. Não estou falando de uma única profissão. Não são só médicos. E queremos fazer concursos mais curtos para poder ter maior taxa de adesão. O concurso anterior da Ebserh durou quatro anos. Quando você chamava alguém no último ano, a pessoa já estava em outro emprego.

Como está o acompanhamento da situação da UFRJ, nesta fase de transição?

Toda sexta-feira, nós fazemos um ponto de controle. Uma reunião online entre a sede com a equipe aqui. O meu vice-presidente, Daniel Beltrammi, vem de quinze em quinze dias, neste primeiro momento. Nós temos experiência suficiente, planejamento bem feito e recursos para garantir que toda essa estratégia caminhe muito bem.

LINHA DO TEMPO



Cine Cidadania estreia com lotação esgotada

> Novo projeto da Universidade da Cidadania da UFRJ exhibe “Notícias de uma guerra particular” e promove debate com sala lotada em cinema de Botafogo

RENAN FERNANDES
comunica@adufjr.org.br

A sala 1 da Estação NET de Botafogo ficou pequena para tanta gente. Mais de 250 pessoas assistiram à sessão que celebrou os 25 anos do filme “Notícias de uma guerra particular”, de João Moreira Salles e Kátia Lund, em evento organizado pela Universidade da Cidadania (UC), na terça-feira (dia 1º). O órgão é vinculado ao Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.

Era a estreia do “Cine Cidadania”. O público teve a oportunidade de ver — e, no caso de muitos, rever — o documentário que retrata o cotidiano dos traficantes e moradores da favela Santa Marta no fim dos anos 1990. Em

seguida, houve um debate com o cineasta João Moreira Salles, o antropólogo e cientista político Luiz Eduardo Soares e Itamar Silva, líder comunitário local e um dos entrevistados do filme.

Salles revelou que não assistia ao filme há pelo menos 15 anos. O diretor e produtor de cinema falou sobre sua relação com o gênero documentário. “Me interessa muito pela natureza do documento. Os arquivos são vivos. Dizem algo no momento e outra coisa diferente, quando o tempo passa”.

Para o cineasta, o filme confirma a premissa. “‘Notícias’ nasceu como um documento contemporâneo do Rio de Janeiro da década de 1990, se tornou um documento histórico, voltou a ser atual e, agora, voltou a ser um documento sobre o passado”.

A relação entre o crime orga-

nizado e a política foi o ponto central da mudança. “No filme, o crime não se mistura ao Estado. Hoje, o crime tem seus candidatos, elege seus representantes para criar leis”, concluiu.

Já Luiz Eduardo Soares, coordenador da Cátedra Patrícia Acioli do Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ, brincou ao contrapor a visão de Salles. “Vou discordar do João pela primeira vez na vida. O filme é de uma atualidade absurda. Está presente nele o cansaço com a repetição e o vazio provocados pela brutalidade e a falta de resultados da política de segurança pública”, argumentou.

REAÇÃO

A professora Cristina Motta, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, saiu do cinema com uma mistura de sentimen-

tos. “Senti uma angústia durante o filme. Era muito jovem naquela época e não tinha a dimensão de tudo isso que acontecia. Os relatos causam dor, mas a conscientização é muito importante e fico feliz de ter visto essa sala cheia”, completou. “Como professora, acredito que a gente pode transformar essa situação. Eventos como esse são fundamentais para levar o debate às novas gerações”.

Diretora da Universidade da Cidadania, a professora Eleonora Ziller comemorou o sucesso do Cine Cidadania. “A ideia é levar cinema, arte, cultura, política e reflexão para diversos territórios do Rio de Janeiro. É um papel fundamental na luta pela preservação da democracia, que se faz na garantia dos espaços públicos, na rua e no cotidiano das pessoas”, afirmou.

ENTREVISTA |
ITAMAR SILVA
LÍDER COMUNITÁRIO



“É PERCEPTÍVEL COMO OS JOVENS VÃO CRESCENDO”

Itamar Silva é líder comunitário no Morro Dona Marta e personagem em “Notícias de uma guerra particular”.

Qual a sensação que você teve ao assistir ao “Notícias” hoje?

Esse filme me tira dos meus poucos momentos de ilusão. Por vezes, acho que tudo está indo muito bem, que a gente avançou, que temos mais jovens na universidade, jovens qualificados, mas o filme mostra que a estrutura da sociedade e a política que opera esse braço do Estado que chega na favela não atende nossos anseios. Temos uma política que cada vez mais toma partido dependendo da ocasião e da territorialidade. E pior: existe uma tensão maior entre os grupos do tráfico de drogas que disputam o controle do território e que está muito mais violento. A consolidação da milícia na estrutura do Estado nos vinte anos anos corroi por dentro nossa democracia. Hoje, está muito clara a incapacidade da nossa sociedade de enfrentar essa situação. É nítida a incompetência em criar mecanismos de controle sobre essas forças que estão atuando no estado do Rio de Janeiro.

Como está a situação da juventude do Santa Marta em comparação à época do lançamento do filme?

As cotas foram um elemento efetivo de transformação em territórios de pobreza. No Santa Marta, muitos jovens estão concluindo o ensino médio e caminhando em direção à universidade. Tenho um trabalho no Grupo ECO, que atua na comunidade, e é perceptível como os jovens vão crescendo, ganhando perspectivas. Os sonhos se ampliam e a busca por efetivar os desejos e vontades se concretiza. É importante ressaltar isso para não falarmos apenas das dificuldades e deixar o desânimo nos abater.

ENTREVISTA | JOÃO MOREIRA SALLES

“HÁ A DIMENSÃO DO AFETO, DA ESPERANÇA, DA COLETIVIDADE”

João Moreira Salles é jornalista, diretor, produtor e roteirista de cinema. Fundou com seu irmão e também cineasta Walter Salles a produtora VideoFilmes, inicialmente voltada para a realização de documentários e programas para a televisão.



■ Jornal da Adufrj - Você disse que não assistia ao filme há 15 ou 20 anos. Mudaria algo no filme hoje?

O “Notícias” deflagrou um processo que passou pelo “Ônibus 174”, “Cidade de Deus” e tantos outros. Acho que esse cinema é politicamente problemático porque transforma esses territórios em territórios unicamente de violência. Se eu fizesse o “Notícias” hoje, incluiria essa dimensão que já estava lá e ficou de fora. Há a dimensão do afeto, da esperança, da coletividade. O Morro Dona Marta não é só o lugar onde coisas ruins acontecem. Mas eu não faria um novo filme porque não sou eu que preciso fazer esse filme. Aliás, esses filmes já existem. Por exemplo, “Marte Um” é um filme excepcional que não pode-

ria ser feito por mim porque tem essa perspectiva de entender essa sociabilidade desse lugar onde eu nunca vivi e não conheço. Isso está ligado às políticas sociais. Assim como temos hoje intelectuais no debate público que vieram da favela, temos criadores e cineastas que passaram pela universidade e agora estão fazendo seus filmes com uma perspectiva que não pode ser a minha.

Como foi a relação com o traficante Marcinho VP?

A Kátia Lund — codiretora do filme — produziu o clipe do Michael Jackson e por isso estabeleceu uma conexão com a comunidade e o Márcio. Ele estava foragido em Belo Horizonte, fui até lá pelo contato dela e ele me autorizou a filmar. Meses depois de terminar as filmagens do filme, eu estava trabalhando em um documentário sobre futebol. O Paulo César Caju estava me dando uma volta, dizia que ia aparecer e não aparecia. Eu estava em Copacabana esperando por ele quando recebi um telefonema do Márcio que me disse: “Vem aqui filmar porque vão me prender”. Pegamos o carro e fomos para lá na hora. Acho que ele me chamou por pensar que ter uma equipe de filmagem o protegeria.

FOTOS: ALESSANDRO COSTA

